



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

METODOLOGIAS NO ENSINO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA APLICADOS AOS ALUNOS SURDOS NO CONTEXTO INCLUSIVO E O ENSINO BILÍNGUE

Gracy Kelia Lopes Silva ¹

RESUMO

O referido trabalho é resultado das discussões realizadas no âmbito da disciplina “Metodologia para o Ensino de Libras”. Sabe-se que os alunos surdos passam por inúmeras dificuldades: barreiras na acessibilidade comunicacional, efetivação de um contexto inclusivo, metodologias que não atendem o uso da Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita. Objetivos: Discutir as diferentes formas de metodologias de ensino de L1 e L2 oferecidas aos alunos surdos e demonstrar os recursos pedagógicos que podem ser trabalhados por professores durante as aulas. A metodologia de trabalho consistiu em uma pesquisa quali-quantitativa e de revisão bibliográfica nos estudos de Leffa (1988), Gonçalves e Festa (2013), Quadros (2006). Resultados: O referido trabalho servirá como base para outras discussões, o produto desta pesquisa será multiplicador para elaboração de outros recursos para o ensino numa perspectiva bilíngue. Conclusão: A pesquisa ainda está em andamento. No que se refere ao aporte teórico está concluída, porém, ainda teremos como resultado um produto, ou seja, um recurso didático a ser utilizado por professores de surdos e que ainda será utilizado na prática pedagógica por nós pesquisadores.

Palavras-chave: Metodologia, Educação inclusiva, Bilinguismo.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir as diferentes formas de metodologias de ensino de L1 (Libras) e L2 (Língua Portuguesa na modalidade escrita) oferecidas aos alunos surdos e demonstrar os recursos pedagógicos que podem ser trabalhados por professores durante as aulas.

Sabe-se que os alunos surdos passam por inúmeras dificuldades no seu dia a dia nas áreas trabalhistas, familiares e escolar. No entanto, nos delimitaremos ao contexto educacional, sobretudo, inclusivo numa perspectiva educacional bilíngue, visto que, é a modalidade educacional vigente aos alunos surdos atualmente. Partindo das pesquisas realizadas encontramos as seguintes dificuldades às pessoas surdas: Barreiras na acessibilidade comunicacional, efetivação de um contexto inclusivo, metodologias que não atendem o uso da Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita.

¹ Graduanda em Letras Libras pela UFMA e Graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição, especialista em Libras e Práticas Pedagógicas Aplicadas à Educação Bilíngue de Surdos pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e-mail: gkl.silva@discente.ufma.br.

METODOLOGIA

Diante o exposto para atender aos objetivos deste trabalho optou-se pelos delineamentos propostos pela pesquisa quali-quantitativa e de revisão bibliográfica nos estudos de Leffa (1988), Gonçalves e Festa (2013), Quadros (2006).

REFERENCIAL TEÓRICO

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A educação de surdos no Brasil iniciou-se em 1855 com a vinda do professor francês Hernest Huet que em 1857 fundou no Rio de Janeiro o Imperial Instituto de Surdos Mudos, conhecido atualmente como Instituto de Educação de Surdos (INES). Em 1987 foi criada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de surdos). Este órgão trabalha na defesa dos direitos das pessoas surdas, e expandiu seu trabalho por todo o Brasil sempre buscando resgatar o surdo como cidadão com o reconhecimento de sua força produtiva.

Em 2002, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como língua pela Lei nº 10.436, e em 2005 esta Lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, o que foi um marco na educação de surdos. O referido decreto oficializou a Libras como disciplina obrigatória nos cursos superiores de formação de professores e no curso de Fonoaudiologia

Art. 3º- A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior e nos cursos de Fonoaudiologia de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005)

O objetivo da disciplina de libras no ensino superior voltado para formação de professores é proporcionar a esses futuros profissionais conhecimentos prévios tendo em vista que a carga horaria desta disciplina é de apenas 60hs relacionados a cultura linguística do aluno surdo e sua forma inerente de aprender. Entretanto, ainda é possível notarmos as dificuldades e desafios ao se trabalhar com alunos surdos, no que diz respeito a construção de seus saberes, devido aos padrões estabelecidos pela sociedade educacional.

Dentro desse cenário educacional, apontaremos e abordaremos as principais metodologias impostas ao ensino para os alunos surdos, em seguida faremos uma ligação



dessas metodologias com as abordagens apontadas por Leffa (1988) em seu texto Metodologia do ensino de língua. Ao abordarmos as metodologias de ensino para os surdos nos deparamos com o Oralismo, Comunicação Total e o Bilinguismo. Faremos uma breve contextualização dessas metodologias que fazem parte da história da educação do surdo

O oralismo tinha como objeto a reabilitação da fala, pois:

Percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Esta estimulação possibilita a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. (GOLDFELD, 2002, p.34)

Portanto, o Oralismo busca reabilitar a criança surda no que considera normal que é a oralização. Esta prática foi referencial a partir do Congresso de Milão, porém, seus resultados não mostraram sucesso e segundo Lacerda (1998) “a maior parte dos surdos profundos não desenvolveu uma fala totalmente satisfatória e, em geral esse desenvolvimento era parcial e tardio em relação a aquisição de fala apresentada pelos ouvintes”

Para Moura (2000, p.55) no oralismo “o surdo não é visto dentro das suas possibilidades e da diferença, mas no que lhe falta e que deve ser corrigido de qualquer forma para que ele possa se integrar e ser normal.” Dentro da perspectiva oralista, as estratégias pedagógicas utilizadas eram as terapêuticas pois, a surdez na concepção clínica, apenas poderia ser trabalhada nas escolas por meio dessas estratégias, para que o surdo se tornasse um indivíduo normal e assim ser integrado a sociedade e a comunidade ouvinte.

Sendo assim, podemos afirmar que a oralização foi imposta ao surdo como algo prioritário para a comunicação, e sua aprendizagem oralizada é apontada como indispensável para seu desenvolvimento integral. A proposta dos defensores do oralismo era treinar a audição por meio do resíduo auditivo, que levaria o surdo a distinguir sons e desenvolver a fala, tendo a leitura labial como importante via de comunicação (STREIECHEN, 2020, p.23). Este tipo de metodologia, na grande maioria dos casos não proporcionava ao surdo um aprendizado eficaz, apenas os ensinava a produzir palavras aleatórias.

Em resposta ao Oralismo, surge na década de 60 a Comunicação Total (CT), fruto das pesquisas sobre línguas de sinais iniciadas por Stokoe que estudou a língua de sinais americana e seus aspectos gramaticais. A Comunicação Total utiliza sinais, leitura orofacial, fala, alfabeto manual e escrita para oferecer inputs aos estudantes surdos, ao passo que eles podem expressar-se nas modalidades preferidas (STWART, 1993)

O objetivo da Comunicação Total é possibilitar uma comunicação real onde o oralismo não se apresenta como única forma de comunicação, apesar de ser uma das áreas trabalhadas, Na Comunicação Total, passa-se a usar o oralismo e os sinais e até mesmo gestos



produzidos pelas mãos dos surdos e dos professores, é o Bimodalismo. Diante do que foi estudado, podemos constatar que a Comunicação Total trouxe de positivo o contato com os sinais, proibido pelo oralismo, proporcionando aos surdos uma busca pelo aprendizado da Língua de Sinais.

Com o crescente interesse sobre a Língua de Sinais e a educação de surdos, proporcionaram pesquisas sobre propostas pedagógicas para esta educação, com isso na década de 80 surge o Bilinguismo que vem ganhando destaque maior no espaço educacional com aprovação da Lei nº 14.191 que insere a educação bilíngue de surdos na Lei de Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O Bilinguismo é uma resposta contrária ao oralismo “porque considera o canal visogestual de fundamental importância para aquisição de linguagem da pessoa surda” (LACERDA. 1998, p.10). A mesma autora aponta que o bilinguismo também se opõe a Comunicação Total por defender um espaço positivo para o trabalho na educação do surdo através da língua de sinais sem o complemento de gestos ou leitura labial.

O objetivo do Bilinguismo não é se sobrepôr a Língua Portuguesa durante o período de aprendizagem do aluno surdo, quanto a isso Quadros (2000, p.54) diz “quando me refiro ao bilinguismo não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo a línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil.” Portanto, o que o bilinguismo busca é que o aluno surdo aprenda as duas línguas mantendo as características próprias de cada uma, e proporcionar o aluno surdo o direito de ser educado através da língua de sinais.

A proposta de toda essa contextualização das metodologias já abordadas quanto a educação de surdos é identificarmos quais abordagens podem ser observadas quanto a aplicação das referidas metodologias, pois, nosso trabalho é o início de uma pesquisa sobre Metodologias no ensino de Libras e língua portuguesa aplicados aos alunos surdos.

Para explanarmos essas abordagens utilizaremos o texto de Leffa Metodologia do Ensino de Línguas. Apesar do foco de Leffa não ser a Libras em si, mas o ensino de línguas, e sabemos que a libras é uma língua que possui gramática própria, portanto, para ser ensinada é preciso que se adote metodologias e abordagens

O processo de ensino e aprendizagem do aluno, seja ele ouvinte ou surdo, envolve diversos fatores como a afetividade, meio social, abordagens de ensino e aprendizagem, a cultura de ensinar e aprender entre outros que constituem o aprender do aluno e o fazer do professor enquanto educador. Leffa (1998, p.212) considera a abordagem



como “o termo mais abrangente a englobar os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem.

As abordagens variam na medida em que variam esses pressupostos.” Portanto se as abordagens variam de acordo com os pressupostos, podemos afirmar que esses pressupostos seriam as transformações que a educação do surdo vem passando, ainda que a passos lentos, no decorrer de todos esses séculos (XIX, XX e XXI).

Para Almeida (1998, p.18) a abordagem é “uma filosofia, um enfoque, uma aproximação, um tratamento, uma lida. O objetivo direto da abordagem é justamente o processo ou a construção do aprender e do ensinar uma nova língua.” A abordagem é a maneira como se trabalha o ensino e aprendizado do aluno surdo ou ouvinte. Trata das práticas, comportamentos e técnicas que são utilizadas no momento desse ensino.

Portanto, se as abordagens variam de acordo com os pressupostos, podemos afirmar que esses pressupostos seriam as transformações que a educação do surdo vem passando, ainda que a passos lentos, no decorrer de todos esses séculos (XIX, XX e XXI)

Leffa (1988) aponta quatro tipos de abordagens, a Abordagem da Gramática e Tradução (AGT), Abordagem Direta (AD), Abordagem para Leitura (AL) e a Abordagem Audiolingual e seus respectivos objetivos. Trazendo as abordagens citadas por Leffa para fazermos um estudo, ainda que breve, pois como já citado pretendemos nos aprofundar nesta pesquisa, podemos observar que as metodologias para a educação de surdos utilizavam uma ou mais abordagens. Vejamos:

O Oralismo podemos observar a Abordagem Direta, uma vez que nesta abordagem tem como “princípio fundamental de que a L2 se aprende através da L2 e a língua materna nunca deve ser usada em sala de aula” (LEFFA.1998, p.216), e no oralismo o surdo era obrigado a oralizar e proibido de sinalizar pois, a única forma de comunicação era o oral, e ao estimular o aluno, o professor precisava de uma resposta oralizada.

Esta metodologia também apresenta traços da Abordagem da Gramática e Tradução, tendo em vista que a preocupação era que o aluno aprendesse a gramática para poder interagir com a cultura, a comunidade, as normas e costumes dos ouvintes, levando o aluno a reconhecer a língua oralizada como seu idioma, e o objetivo da AGT é levar o aluno a apreciar a cultura e literatura na L2.

No que tange a metodologia da Comunicação Total observamos a Abordagem Direta no que diz respeito a transmissão de significados através de gestos e gravuras, mesmo com o oralismo predominante nesta abordagem, tanto que a leitura labial era utilizada como forma de se fazer e entender a comunicação. Havia na Abordagem Direta a preocupação com



o ensino da gramática, do mesmo modo que na comunicação total. O uso de sinais na comunicação total era limitado e ilusório, pois o oralismo ainda era muito forte nessa abordagem.

Na metodologia do Bilinguismo, a criança surda deve ser exposta a língua de sinais o mais precocemente possível, e reconhece a língua de sinais como L1 do surdo e mediadora da L2 a língua portuguesa, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e uma significativa ampliação do vocabulário da criança surda. Podemos apontar dentro dessa metodologia a AGT.

De acordo com Leffa (1998, p.214) “basicamente a AGT consiste no ensino da segunda língua pela primeira. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno.” O Bilinguismo busca o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita, através da L1 do aluno surdo que é a língua de sinais. A presença de um professor surdo na sala de aula no bilinguismo é algo diferenciado, portanto, o domínio da oralização desse professor não é prioridade, do mesmo modo que na AGT.

Porém, o bilinguismo tem o objetivo contrário ao objetivo da AGT que visa levar o aluno a “apreciar a cultura e a literatura da L2” (LEFFA, 1988, p.215). O bilinguismo, como já exposto não busca sobrepor uma língua em relação a outra, busca um equilíbrio entre as línguas de forma que o aluno surdo aprenda o português escrito e suas regras, através da língua de sinais, sua L1, que o levará a autonomia para pensar sobre a língua portuguesa escrita.

Diante de tudo que foi explanado ao longo do texto, podemos concluir que as abordagens apontadas por Leffa e as metodologias para o ensino de surdo e suas aplicabilidades, podem trazer vantagens e desvantagens para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo do aluno surdo se não for dada a devida atenção as mudanças no cenário educacional e nas especificidades desses alunos. Cabe as escolas e aos profissionais da educação utilizar-se de abordagens, recursos didáticos, teóricos entre outras ferramentas que possam auxiliar no ensino e aprendizagem do aluno surdo de forma satisfatória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que foi exposto, percebe-se que as metodologias e abordagens do bilinguismo possibilitam ao surdo o aprendizado da língua portuguesa, e dessa forma uma maior integração do surdo na sociedade, uma vez que o português é a língua majoritária e que



tem prestígio social. Apesar disso, há desafios a serem superados no ensino do surdo, como a falta de aprendizado da Libras em casa, pois a comunicação com a família baseia-se somente em gestos. Dessa forma, o aprendizado ocorre na escola bilíngue, porém muitos pais desconhecem a necessidade de os filhos surdos aprenderem Libras.

Além disso, nem sempre os professores das escolas bilíngues são fluentes em Libras, o que dificulta a interação do aluno com o educador e a interação dos alunos entre eles. Para que se possa haver maior interação, aprendizado e troca de saberes, é preciso refazer a “figura do docente como explicador e competente na língua do Estado e de sugerir a ideia de um educador mais relacionado com a possibilidade de conversar com o outro e, além disso, de fazê-lo a partir da língua que é do outro”. (SKLIAR, 2014, p. 218).

De acordo com Pereira (2013, 2014), existem duas abordagens principais adotadas no ensino da língua portuguesa aos surdos: o ensino tradicional, de abordagem estruturalista, e a abordagem discursiva-interacionista. A abordagem estruturalista é a mais presente nas escolas bilíngues, na qual o ensino consiste na tradução da Libras para a língua portuguesa, e vice-versa, com o ensino focado no código, na gramática e nos ditados.

Porém o ensino tradicional não gerou bons resultados no aprendizado dos surdos, pois eles somente decoravam palavras sem saber o significado delas. Segundo Giordani (2006), a escola mostra que há apenas um modo de escrever português, por meio de um conjunto de regras padronizadas que devem ser seguidas com rigor para que se tenha ‘o bom uso’ da língua. (BAGNO; RANGEL, 2005). Para vencer esse obstáculo, os surdos precisam de conhecimento de mundo para possibilitar o entendimento dos sentidos na língua escrita.

Segundo Salles et al. (2004a), a principal ideia da abordagem discursiva-interacionista de ensino, é de que a aprendizagem ocorra por meio da interação em sala de aula, aproximando esse ambiente de contextos discursivos do cotidiano. Nessa abordagem, professores utilizam textos adequados para a fase de desenvolvimento que o aluno surdo está inserido, devendo ser assuntos de interesse e de acordo com a faixa etária, ou assuntos de repercussão nacional e internacional. Dessa forma, os assuntos textuais devem despertar a curiosidade deles, para que eles se sintam motivados à leitura.

Segundo Koch (2006), na concepção interacionista (dialógica) da língua, a compreensão do sentido do texto envolve a busca ativa do sujeito em identificar o contexto e elementos presentes no texto, além de unir o conhecimento de mundo relacionado ao assunto. Dessa forma, tal abordagem tem como foco o letramento do aluno, para possibilitar o entendimento do português e motivá-lo à busca do aprendizado, uma vez que entende a aplicação desse aprendizado no dia a dia e para adquirir conhecimento de mundo.



Tendo em vista as características das duas abordagens apresentadas, percebe-se que a abordagem discursiva-interacionista traz mais vantagens no ensino da língua escrita ao surdo. Nessa abordagem, o objetivo do ensino da língua portuguesa aos alunos surdos deve ser a habilidade de produzir textos e não palavras e frases, disso percebe-se a importância de ter muito contato com textos, inicialmente por meio da Libras.

Nesse sentido, deve haver uma mudança gradual para a abordagem discursiva-interacionista, que gera maior desenvolvimento social e mais conhecimento de mundo aos surdos. A implementação dessa forma de ensino nas escolas bilíngues possibilita ao surdo uma maior integração no meio social e maior aprendizado da língua portuguesa, e ainda valoriza o uso da Libras como forma de interação.

Outros desafios para a educação bilíngue consistem na falta de políticas de difusão e preservação da Libras, medidas que a valorizem na comunidade; movimentos que pressionam os surdos a aprenderem a língua portuguesa, desvalorizando a Libras; dificuldades na capacitação de profissionais que atendam às necessidades do ensino bilíngue.

Além dos desafios já citados, há ainda a falta da obrigatoriedade do ensino de Libras como segunda língua para ouvintes desde a educação infantil; da adoção de metodologias de ensino da língua portuguesa como segunda língua; do desenvolvimento de métodos avaliativos na educação para surdos com uso da Libras, podendo fazer uso de tecnologias e meios virtuais para tal; e da gratuidade nos cursos de Libras para pais e familiares de surdos.

Diante de tais desafios, percebe-se que há necessidade de mais medidas estruturais nas escolas que ampliem as possibilidades de aprendizado do surdo, uma vez que melhorias na estrutura curricular, métodos de ensino que estimulem o uso da Libras para aprendizado da língua portuguesa, professores fluentes em Libras, ampliação do acesso do surdo à escola bilíngue, são alternativas que possibilitam o desenvolvimento intelectual mais efetivo do surdo frente à sociedade, valorização da cultura e maior percepção das potencialidades da comunidade surda.

3.1 Proposta de um recurso a ser aplicado aos alunos surdos no contexto bilíngue para os anos finais do ensino fundamental

Diante as dificuldades que foram apontadas sobre o ensino da Língua Portuguesa para surdos abordamos nessa seção a proposta de um recurso que pode ser trabalhado a Libras e a Língua Portuguesa. O recurso aqui apresentado está em consonância com as habilidades

da Base Nacional Comum (BNCC). O primeiro será uma televisão em papelão com transmissão de uma reportagem.

Habilidades da BNCC

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

Objetiva-se identificar em reportagens os elementos que a constituem: predomínio da função referencial da linguagem, linguagem impessoal, objetiva, direta, de acordo com o padrão culto da língua, título chamativo que anuncia o fato. Descrição do recurso: Televisão em caixa de papelão. Materiais usados para a construção do recurso: caixa de papelão, tinta guache, palitos de madeira redondo com ponta, pincel, tampas de plástico, cartolina, lápis de cor e cola.

O desenvolvimento do recurso consiste na seguinte maneira: O professor construirá a televisão em papelão com os materiais descritos e na cartolina será feita a reportagem. Poderá ser utilizada mais de uma reportagem, pois, a cartolina será enrolada no palito e ao movê-lo a reportagem ficará visível aos alunos. Os elementos que constituem uma reportagem serão explanados passo a passo. O título que transmite a informação, o *lead* que desenvolve a narrativa do fato principal e as suas características.

Como forma de desenvolver a Libras os alunos poderão desenvolver a reportagem em Língua de Sinais utilizando-se de legenda e imagens para contemplar a Língua Portuguesa. Essa atividade agrega conhecimentos tanto em Libras quanto português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordou-se neste trabalho as metodologias de ensino para as pessoas surdas e os desafios para efetivação do bilinguismo. Vimos que as pessoas surdas passaram por três filosofias educacionais, dentre elas: o oralismo, a comunicação total e atualmente, as pessoas surdas estão inseridas na filosofia do bilinguismo legitimados pelo uso da Libras para comunicação e expressão, porém, com uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita, visto que, a Libras não a substitui.

Amparados pelas leituras ao longo da disciplina “Metodologia para o Ensino de Libras” e pela nossa experiência sabemos que a prática do bilinguismo não ocorre de forma amistosa e plena no cotidiano escolar do aluno surdo e evidenciamos isso ao longo deste



trabalho. Partindo dessa inquietação apresentamos na última seção uma proposta de um recurso a ser aplicado aos alunos surdos nos anos finais do ensino fundamental visando utilizá-lo tanto para os estudos da Libras quanto da Língua Portuguesa.

Importante ponderar que o referido recurso não foi aplicado em sala de aula para vermos os resultados. Por isso, dividimos esse trabalho em dois momentos: primeiro, uma pesquisa de âmbito teórico tanto no que se refere as abordagens e recurso didático, posteriormente, aplicaremos o recurso aqui abordado em sala de aula na disciplina prática pedagógica e produziremos um texto demonstrando os resultados obtidos.

Assim, concluímos ser importante discutir o contexto bilíngue para alunos surdos e as práticas que podem potencializar o trabalho do docente e a aprendizagem do aluno surdo que é a meta prioritária das instituições de ensino e dos docentes

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP, 1998.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de O. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2021.

BRASIL, Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 15 agosto 2021.
_____. Decreto nº 5. 626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10. 436, de 25 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 15 agosto 2021.

_____. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.
Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm acesso em 18 agosto 2021.

FERNANDES, Sueli. CERETTA MOREIRA, Laura. Revista “Educação Especial” v. 22, n. 34, p. 225-236, maio/ago. 2009, Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 5 set. 2021.

GIORDANI, Liliane F. **Língua escrita: letras (im)prováveis na educação de jovens e adultos surdos**. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n. 2, p. 88-97, jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/794>>. Acesso em: 5 set. 2021.



GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/412195827/A-Crianca-Surda> Disponível em: 20 agosto 2021.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LACERDA, Cristina. B.F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt> Acesso em 20 agosto 2021.

LACERDA, Cristina. MANTELATTO, Sueli Aparecida Caporali. **As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica junto a sujeitos surdos**. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (org) Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue. São Paulo: Plexus, 2000.

MOURA, Maria Cecilia. et al. **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: tecArt, 1993.

____ **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MÜLLER, Janete Inês. **Língua portuguesa na educação escolar bilíngue de surdos/ Janete Inês Müller**. – 2016. 295 f.

PEREIRA, Maria C. da C. **Abordagens de ensino de LP para surdos/Concepções de língua e abordagens de ensino da língua portuguesa para surdos**. In: XII Congresso Internacional e XVIII Semana Nacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Anais...* Rio de Janeiro: INES, 2013. p. 110-113.

PEREIRA, Maria C. da C. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos**. Dossiê: educação bilíngue para surdos: políticas e práticas (edição especial), *Educar em Revista*, Curitiba, n. 2, p. 143-157, 2014. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/issue/view/1757>. Acesso em: 5 set. 2021.

PERLIN, Gladis T.T. Alternativas metodológicas para o aluno surdo. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17636/Curso_Ed-Especial_Alternativas-Metodologicas-Aluno%20Surdo.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Oralismo%3A%20%C3%A9%20 Acesso em 20 agosto 2021.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação para surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

____ **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. 2000. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=47> Acesso em 20 agosto 2021.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

SALLES, Heloisa M. M. L et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP, 2004a. v 1.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STWARD, D.A. *Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas*.

In: MOURA, Maria Cecilia. et al: *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: TecArt, 1993.